

Comunicação oficial brasileira sobre a AIDS: um percurso pelas linhas e entrelinhas da telinha da TV

LUCÍ HILDENBRAND*

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Resumo

A pesquisa buscou conhecer conceitos e idéias-chave sobre AIDS, apresentados à sociedade brasileira, através de 17 filmes oficiais para a TV, exibidos no período de 1988 a 1991. Especialistas em Comunicação, Educação, Saúde, outros profissionais das Ciências Humanas e Sociais, além da pesquisadora e de representantes da sociedade civil, analisaram os programas de tevê.

Palavras-chave: comunicação e AIDS; campanhas de Saúde; som-imagem e saúde; televisão e AIDS

Resumen

La investigación tuvo la intención de conocer los conceptos e ideas-clave sobre SIDA, presentados a la sociedad brasileña por medio de 17 spots oficiales producidos para TV, en el período 1988-1991.

Palabras-clave: comunicación y SIDA; campañas de salud; sonido-imagen y salud; TV y SIDA

Abstract

This research aim to identify concepts and key-ideas about AIDS, presented to the brazilian society through 17 government TV spots, exhibited from 1988 to 1991.

Keywords: communication and AIDS; health campaigns; sound-image and health; TV and AIDS

* Vencedora do PRÊMIO INTERCOM 96, categoria Doutorado, com o trabalho aqui apresentado, a autora é Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e Professor-Adjunto do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), concentrando sua atividade de pesquisa no campo da Comunicação, Educação e Saúde.

Introdução

Diferentes canais ou meios de comunicação têm sido usados no mundo inteiro para abordar a temática da AIDS. Programas de rádio e TV, autobiografias, vídeos e jogos educativos, poesias, obras literárias, cartazes, panfletos e ensaios jornalísticos são alguns dos exemplos que podem ser buscados num universo temático-audiovisual que parece inesgotável. Na verdade, um universo tão grande que paradoxalmente foi despontado e revelado por um vírus; um vírus que mesmo antes de ter sido isolado, esteve atrelado à doença cuja abreviatura já havia sido transformada em sinônimo de morte e perplexidade; doença que gerava em torno de si uma especulação escandalosa e, ainda, reavivava práticas de discriminação e preconceito (Galvão, 1985). Um vírus que, enfim, ao se instalar em uma comunidade propiciava que a epidemia decorrente acontecesse em, pelo menos, três fases. A primeira, correspondendo à infecção silente, e muitas vezes despercebida, que se instalava no grupo social quando da sua chegada. A segunda, despontando anos depois, tornava a AIDS evidente por um conjunto de sintomas e/ou doenças resultantes. E a terceira, representada pelas várias reações sociais, culturais, econômicas e políticas à epidemia, expunha aspectos tão elementares para o enfrentamento global da AIDS quanto a própria doença (Mann In Daniel, Parker, 1991).

Mas porque a AIDS teria assumido tão vasto sentido e gerado tantas repercussões? Pontos da trajetória da epidemia podem ajudar na obtenção desta resposta.

Em dezembro de 1981, contam Blouin, Chimot e Launère (1987), o *Newsweek* informava a seu público que novas e misteriosas doenças afetavam os homossexuais. No mesmo ano, dizem os autores, *Le Quotidien du Médécin*, ao referir-se à misteriosa enfermidade, informava que o enfraquecimento do sistema defensivo do corpo era o principal responsável por ela e que, à ocasião, a Medicina nadava em total nevoeiro. Semanas depois, o *New England Journal of Medicine*, relatando casos da doença, mostrava alta letalidade (Blouin, Chimot, Launère, 1987). Desde então a gravidade do fenômeno que é percebida pelos médicos passa a ser noticiada pelos jornalistas. Em pouco tempo se percebeu que os homossexuais não eram as únicas pessoas afetadas pela enfermidade; outros grupos também se mostraram passíveis à ela. Em 1982, mesmo antes de o HIV ter sido identificado, a sigla AIDS, designando *Acquired Immunodeficiency Syndrome*, passou a difundir, ao mesmo tempo, três conceitos ou idéias fundamentais: o de Síndrome - conjunto de sinais ou sintomas possíveis de ocorrer na pessoa acometida pelo vírus; o de Imunodeficiência - incapacidade (deficiência) do organismo em se defender de certos tumores e infecções; o de Adquirida - indicando que AIDS não era nem herdada, nem causada por nenhuma outra doença subjacente (Revista Radis, 1987). A nova denominação, no entanto, não impediu que AIDS continuasse sendo percebida como sinônimo de câncer gay; como doença distante do

Brasil, originária dos Estados Unidos (Galvão, 1992). Formava-se assim uma imagem do doente de AIDS. E entre o primeiro envolvimento da opinião pública e a instituição de um saber a respeito da AIDS no país, a lacuna de informações existente vai sendo suprida pelas notícias que são divulgadas especialmente nos Estados Unidos. Este fato "refletir-se-á principalmente na construção de um imaginário social que ocultará a real compreensão do comportamento da epidemia em nosso meio"(Grangeiro, 1992, p.5).

Enquanto isso, silenciosamente, a AIDS vinha se expandindo em nossa sociedade, afetando, a princípio, determinados grupos humanos como os bissexuais, os usuários de drogas, os hemofílicos, as prostitutas, além dos homossexuais. E na medida em que isto foi amplamente explorado pela mídia, permitiu que o imaginário social desencadeasse outra epidemia: a do medo e do preconceito (Guimarães, 1991). Ao longo do tempo, a AIDS foi restringindo sua expansão em parte destes grupos e ampliando seus números junto ao segmento dos heterossexuais e usuários de drogas endovenosas (Médici, Beltrão, 1992). Se estudos prospectivos apontam nesta direção, é urgente, então, que sejam resgatadas e investigadas as comunicações sobre AIDS veiculadas em nosso país, tendo em vista a reparação das falhas ocorridas, dos erros, omissões, distorções e contradições existentes entre os vários dizeres sobre a epidemia. Na maior brevidade de tempo, é preciso recuperar o dito e o não dito, visando compreender todo o conjunto de dizeres e não dizeres que influíram neste modo coletivo de entender e sentir a epidemia do HIV/AIDS como algo tão distante a cada um de nós...

Descrição da pesquisa

O estudo buscou conhecer a extensão e profundidade com que a temática da AIDS foi apresentada à sociedade, através de 17 filmes veiculados no período de 1988-1991. Inicialmente foi feita a análise da palavra falada de todos os programas, tanto pela pesquisadora quanto por outros especialistas em Educação. A partir da focalização dos quatro filmes da campanha de 1991, o trabalho prosseguiu investigando conceitos e idéias-chave expressos por elementos sonoros e imagéticos dos referidos textos audiovisuais. Nesta fase, o material em questão foi analisado por especialistas em Comunicação, Comunicação e Educação, Saúde, outros profissionais das Ciências Humanas e Sociais, além da pesquisadora e de representantes da sociedade civil, aqui incluídas pessoas infectadas, não-infectadas porém com familiares ou amigos infectados, e não-infectadas sem relacionamento direto com infectados. Este percurso - que buscou conhecer leituras das linhas e entrelinhas da comunicação oficial - considerou que o enfrentamento da progressiva expansão do vírus, na sociedade brasileira, requer a revisão do curso e sentido das comunicações afetas à temática, veiculadas no país. Diante do propósito do trabalho, então, a

sua organização ficou assim constituída: O Capítulo I - após discorrer sobre a progressiva expansão do vírus no tecido social e de registrar que fica vulnerável à infecção todo aquele indivíduo que não se considera em risco - apresenta os objetivos, a justificativa e a metodologia da pesquisa. O Capítulo II, em momentos distintos, desenvolve estudo sobre (a) campanhas de comunicação; (b) características da tevê - mídia que exibiu à sociedade os filmes investigados; (c) "câmera" e "fala" - componentes da linguagem televisiva que, posteriormente, vão embasar análise feita pela pesquisadora; (d) processos de leitura conotativa e denotativa - que, realizados por todos os 38 analistas, envolvidos com o trabalho, são entendidos como altamente favoráveis à investigação das linhas e entrelinhas da mensagem televisual. O Capítulo III expõe a análise da palavra falada dos 17 programas oficiais e o Capítulo IV àquela decorrente da leitura do texto televisivo dos quatro programas. O Capítulo V apresenta as conclusões e recomendações da pesquisa, que resultaram deste conjunto de olhares... dizeres... saberes...

Metodologia

Os procedimentos metodológicos do trabalho foram organizados em três fases, denominadas: "Definindo a participação dos colaboradores na pesquisa" (1ª Fase); "Definindo a participação de telespectadores comuns na pesquisa" (2ª Fase); e "Definindo o trabalho individual do pesquisador" (3ª Fase).

1ª Fase: Definindo a participação de colaboradores na pesquisa

Aqui foram reunidos pareceres e opiniões de profissionais de Educação (1ª etapa), Comunicação, Comunicação e Educação, outros profissionais de Ciências Humanas e Sociais e especialistas em Saúde.

Na 1ª etapa do trabalho, seis especialistas em Educação identificaram conceitos e idéias-chave expressos/evocados pela palavra oral dos 17 filmes, a partir da transcrição integral e contínua do texto oralizado (discurso/fala) de cada programa. A validação da transcrição foi executada por uma colaboradora graduada em Língua Portuguesa. O discurso de cada filme foi apresentado aos especialistas em instrumento específico, que incluiu campo destinado ao registro dos conceitos e idéias-chave sobre AIDS que o colaborador identificasse em sua análise. Neste mesmo espaço, o profissional poderia juntar também toda e qualquer observação que julgasse capaz de aclarar ou detalhar seu parecer. Carta-convite formalizou a participação do especialista no trabalho. Folha de instruções específica orientou a tarefa requisitada: identificar conceitos e idéias-chave expressos/evocados pela palavra oficial. Um prazo de 15 dias foi estabelecido para que estes colaboradores entregassem suas análises. As razões que sustentaram a decisão de destacar e analisar apenas o discurso proferido pela fala foram as seguintes: - *a palavra* é o recurso de que dispõe o

homem, na quase totalidade das vezes, para se comunicar consigo mesmo e com o mundo em que se insere e atua; - *a palavra* "é o símbolo mais puro da manifestação do ser, do ser que pensa e que se exprime ele próprio ou do ser que é conhecido ou comunicado por outro" (Chevalier, Gheerbrant, 1992, p.680); - *a palavra* na comunicação audiovisual "ancora, fixa a polissemia da imagem. Ao nível da imagem denotada, ela ajuda a identificar e a denominar os signos que se quer denotar. Ao nível das conotações, orienta [...] as interpretações mais desejáveis [...]" (Fuenzalida, 1992, p.19); - *a palavra*, enquanto elemento sonoro que é, não tem seu acesso restrito ao local onde é emitida. E sendo assim, as que foram apresentadas na TV, atingiram não somente as pessoas que contemplaram a telinha, mas também aquelas que, em outros ambientes, ouviram o som difundido pelo programa (Piovesan Neto, 1993). Em termos metodológicos, portanto, a investigação da palavra oral pôde ser compreendida, simultaneamente, como limitação e vantagem do estudo. Limitação porque implicou em excluir da análise todos os demais elementos da linguagem televisiva. Vantagem porque permitiu o acesso a conteúdos latentes e/ou aparentes de um número expressivo de programas, considerando um elemento fundamental à comunicação humana: a fala.

Especialistas em Comunicação, Comunicação e Educação, outros profissionais de Ciências Humanas e Sociais e Saúde participaram da 2ª etapa da pesquisa. Nesta ocasião, decidimos investigar o objetivo da pesquisa como um todo: "verificar a extensão e profundidade com que a temática da AIDS foi abordada na TV pela comunicação oficial, considerando (a) conceitos e idéias-chave expressos/evocados pela palavra; (b) significações atribuídas à imagem e elementos sonoros (fala, música, ruídos, silêncio); e (c) relações existentes entre elementos integrantes da linguagem audiovisual". Considerando que o item "a" do objetivo já havia sido investigado pelos especialistas em Educação, optamos por alterá-lo para que, nesta ocasião, permitisse a identificação de conceitos e idéias-chave expressos/evocados pelo programa em sua totalidade.

Preocupações relacionadas às especificidades das tarefas envolvidas para esta fase do trabalho nos fizeram decidir que a investigação do *caput* do objetivo fosse feita apenas pelos outros profissionais de Ciências Humanas e Sociais e da Saúde, porque tinham experiências em projetos de pesquisas e/ou de intervenção social relacionados à temática da AIDS. Estas mesmas preocupações fizeram com que a análise do item "c" do objetivo ficasse restrita aos profissionais de Comunicação e de Educação.

Filmetes integrantes da campanha de 1991 foram escolhidos para apreciação porque: (a) nenhuma outra campanha oficial contra a AIDS promoveu tantas respostas da sociedade quanto ela; (b) entre o período de veiculação de tais programas e o início desta pesquisa (1992), o Ministério da Saúde não havia levado ao ar nenhuma outra campanha sobre AIDS que fosse tão extensa e de âmbito nacional. Sendo assim, entendíamos que os filmetes escolhidos para estudo deveriam ainda estar registrados

na memória recente das pessoas; (c) em 1991, já estávamos envolvidos com a temática da AIDS, podendo, então, sentir de perto, quanto a abordagem da campanha governamental deixava a desejar.

Para atender às exigências inerentes à análise da linguagem audiovisual, gravamos os vários filmetes em uma única fita de vídeo. Com a vídeogravação, os leitores puderam ter acesso ao conteúdo dos programas de modo bem diferenciado daquele que lhe havia permitido a TV. E assim, cada leitor pôde definir o horário que veria o programa; estabelecer quantas vezes, e em que ritmo, cada peça seria assistida; determinar o intervalo de tempo entre as várias apresentações. Estas particularidades, não apenas caracterizaram os momentos da pesquisa, como também interviram no resultado das leituras realizadas.

No momento seguinte, solicitamos a cooperação de quatro profissionais da área de Comunicação, quatro do campo da Comunicação e Educação, três procedentes de outras áreas das Ciências Humanas e Sociais e três profissionais da Saúde. A maior participação de especialistas das duas primeiras áreas se justificou porque é no intercruzamento destes ramos do saber que se insere a presente investigação. Aos especialistas que aceitaram colaborar com a pesquisa, repassamos todo o material necessário à análise dos filmetes. A fim de assegurar a participação de todos os que manifestaram interesse em cooperar com o trabalho, permitimos que suas análises pudessem ser feitas não apenas na forma escrita, mas também gravada em áudio, pois, em muitos casos, o excesso das atividades ocupacionais do especialista ameaçava seu envolvimento com a pesquisa. As transcrições das gravações dessas fitas de áudio foram feitas pela própria autora do estudo.

2ª Fase: Definindo a participação de telespectadores comuns na pesquisa

Quinze pessoas da sociedade civil - de diferentes idades, sexos, profissões e níveis de escolaridade - participaram da leitura dos quatro filmetes da campanha de 1991. Do total destes sujeitos, três são portadores do vírus da AIDS, cinco outros são pessoas afetadas pelas AIDS (pessoas que têm ou tiveram relação próxima com portador) e as sete restantes, pessoas nem infectadas nem afetadas pela epidemia. Os dois primeiros grupos de colaboradores se formaram através de cadeia de relações. O terceiro grupo incluiu pessoas que, de características diferenciadas, representassem diversos segmentos sociais da população. A estes leitores, tal como aos especialistas dos campos da Comunicação e da Educação, solicitamos a análise dos filmetes de 1991, abarcando além do objetivo investigado, todas as outras observações que julgassem procedentes.

A identidade do telespectador não foi revelada na pesquisa, mas somente referida pela citação de letra(s) do seu nome, seguida de menção ao sexo, idade e profissão. A fala destes sujeitos foi gravada em fita de áudio para que pudesse ser, total ou parcialmente, incorporada ao relatório com fidedignidade. Qualquer trecho destas análises poderia ser modi-

ficado ou desconsiderado, desde que assim quisessem os colaboradores, em qualquer tempo que precedesse a publicação do trabalho. Através de contato telefônico, marcamos encontro para a feitura das análises em locais, dias e horários previamente acordados entre as partes. Neste sentido, a única exigência imposta pela pesquisa era quanto a escolha do local, que precisava dispor de equipamentos de vídeo para a reprodução da fita. Decisão metodológica, também, disse respeito ao fato de que o telespectador poderia assistir aos filmes, um a um, tantas vezes quantas julgasse necessárias até que se considerasse apto a fazer sua análise. A fita de áudio que registrou a leitura de cada um destes sujeitos constou de dados que permitiram a identificação do participante e outras informações que viabilizassem o contato, caso fosse necessário.

3ª Fase: Definindo o trabalho individual do pesquisador

Na Etapa I, estudamos os 17 filmes e, enquanto especialistas em Educação, verificamos os conceitos e idéias-chave expressos pela palavra dos programas, à luz dos fundamentos da análise de conteúdo. Um conjunto de 19 itens, agrupados em quatro classes, norteou o nosso trabalho. Depois de validada, esta análise foi colocada ao lado daquelas realizadas pelos demais especialistas em Educação, compondo o texto único que consta do Capítulo III da pesquisa.

Na Etapa II, destacamos do conjunto dos 17 filmes, apenas aqueles que integraram a campanha oficial de 1991. Aqui, tal como caberia a um profissional de Comunicação e Educação, investigamos elementos da linguagem audiovisual: a "câmera" e a "fala", segundo critérios ora buscados em Martin (1990), ora em Doane (1983) e Zettl (1973) - enquadramento, plano, angulação, movimento de câmera, relações voz-diégese-imagem e tipo de fala explorado pelo programa. Cada um dos quatro textos resultantes da nossa análise antecedeu, no Capítulo IV, a apresentação das leituras que os vários colaboradores fizeram em relação a cada um dos quatro filmes.

Análise dos resultados

A palavra oral da grande maioria dos filmes informou a população de que AIDS é uma doença, isto é, "falta ou perturbação da saúde, moléstia, mal, enfermidade" (Ferreira, s.d., p.488). Em alguns casos, esta referência foi feita de forma clara e direta; outras vezes, a AIDS pôde ser compreendida como doença porque (a) foi confrontada com enfermidades bastante conhecidas - o câncer, a sífilis, a tuberculose; (b) foi mencionado que há um vírus que a promove; (c) foi lembrado que existe a pessoa que tem a doença; (d) foram citados ou evocados grupos de pessoas ou comportamentos de risco mais favoráveis à infecção; (e) foram referidos, direta ou indiretamente, alguns dos seus atributos, como o de ser grave; não ter/ainda não ter cura; não manifestar sintomas; desencadear uma

infecção; não ser contagiosa; ser transmissível pela via sexual; ser transmissível pela via sangüínea; ser mortal; apresentar estágios; não ser transmissível sob dadas condições.

De modo diverso, os programas oficiais abordaram o atributo da gravidade. Em alguns casos, houve apenas uma breve menção à idéia; em outro, por exemplo, chamada mais forte, feita em verdadeiro tom de ameaça, lembrou o telespectador de que "a AIDS leva qualquer um pra cama". Referências afetas aos aspectos mortal, infeccioso e curável/não curável da doença também enfatizaram o atributo da gravidade.

Em nenhum momento da análise, o caráter curável /não curável da AIDS foi claramente apresentado pela comunicação oficial: parte dos programas expressaram a idéia de que a AIDS não tem cura; outros, diferentemente, ressaltaram que, por enquanto, ainda não tem.

O aspecto assintomático da AIDS foi referido/dado a entender por razoável número de programas, porém, não houve situação em que o conceito de portador assintomático fosse abertamente explicitado à sociedade. A citação de que o vírus da AIDS desencadeia infecção, feita por único programa, não permitiu entender se a palavra "infecção" foi usada para designar uma única infecção que acomete a pessoa HIV ou, se de modo geral, pretendeu referir-se às várias infecções que podem acometer a pessoa que vive com HIV/AIDS. Se associado à idéia de que AIDS é doença mortal, o caráter infeccioso, sendo único, pôde ter dado a entender que é esta infecção única que torna a AIDS fatal. Assim, pessoas podem ter concluído que tão logo contraíam o vírus, tão logo venham a morrer.

O atributo da não-contagiosidade da AIDS foi somente dado a entender pela comunicação oficial, mas, em nenhum caso, isto foi claramente explicitado. O caráter transmissível da doença, fortemente enfatizado pelos programas, mostrou que a exposição à ela, ou a seu vírus, não se dá senão a partir de situações específicas de risco, que envolvem sexo e sangue.

A transmissibilidade do vírus da AIDS pela via sexual foi fartamente enfatizada pelos filmes. Situações de vida explicitaram ou permitiram supor que a transmissão do HIV por esta via acontece em relacionamentos homossexuais masculinos, bissexuais masculinos e heterossexuais. A parceria variável foi apresentada por significativo número de programas como favorável à transmissão da AIDS. As construções frasais que abordaram a questão da múltipla parceria permitiram as seguintes possibilidades de leitura: relações sexuais com mais de um parceiro; relações com parceiros do mesmo sexo; relações com parceiros de sexo oposto. A idéia de que relação sexual com pessoa HIV é comportamento favorável à transmissão da AIDS esteve presente em todos os programas que se referiram à via sexual, porém, na maioria dos casos, isto não foi feito de forma explícita. Todos os filmes que fizeram referência à transmissão da AIDS pela via sexual também fizeram alguma referência à sua prevenção. As medidas preventivas relacionadas à transmissão da AIDS por esta via foram: utiliza-

ção da camisinha; utilização da camisinha e redução do número de parceiros; redução do número de parceiros. A não referência às práticas de sexo seguro e a associação estabelecida entre AIDS e promiscuidade foram consideradas como absolutamente indesejáveis à produção audiovisual que tem por fim educar.

A transmissibilidade da AIDS ou de seu vírus pela via sanguínea contemplou situações de risco que envolveram: doação de sangue; uso de agulhas e/ou seringas contaminadas; recepção/transusão de sangue e/ou produtos derivados; aplicação de injeção; uso partilhado de agulha e/ou seringa por usuário de drogas.

Argumentos explorados pelos programas para mobilizar o telespectador para a prevenção estiveram calcados em três atributos da doença, fortemente sublinhados pelos programas: o de ser transmissível, assintomática e mortal. A referência ao caráter mortal da AIDS contemplou não apenas o da morte física das pessoas infectadas, mas ainda o da morte civil que elas sofrem em vida. Esta dramática experiência da antecipação da morte pôde ser percebida na postura que o doente de AIDS (filmete de 1991) assumiu diante do telespectador.

Os grupos sociais mais vulneráveis à AIDS, segundo os textos analisados, são formados por pessoas que usam drogas injetáveis; precisam de sangue e/ou hemoderivados; têm múltipla parceria sexual; mantêm relação sexual com doente de AIDS; fazem sexo sem o uso de preservativo. A idéia de que existe um doente de AIDS foi bem explorada pelos programas oficiais. Dirigindo-se sempre ao telespectador - supostamente pessoa sadia - a comunicação considerou que o seu parceiro sexual ou de seringa é/pode ser um agente disseminador do vírus na sociedade. É o telespectador infectado quem transforma em alvo as genitálias do homem e da mulher que aparecem em dois filmes da campanha de 1991. As cinco personagens que, no conjunto dos 17 filmes, têm ou tiveram AIDS eram todas do sexo masculino. Deste grupo de sujeitos, um deles já havia morrido (Fábio) e os outros quatro tinham em comum - além do sofrimento, abandono e solidão - a mesma cor da pele (branca) e faixa de idade. Em nenhum programa, o Estado dirigiu a palavra à pessoa HIV/AIDS e isto pôde ter revelado ou dado a entender que a postura do governo para com o doente é a de distanciamento; que a pessoa com HIV/AIDS está excluída do debate, do diálogo, que ele, Estado, procura manter com os demais cidadãos; que a pessoa com HIV/AIDS é, de certa forma, uma *carta fora do baralho*.

As repercussões sociais à AIDS, citadas pelos programas, foram o medo, o preconceito e a discriminação. Referências a não-discriminação ao doente também foram contempladas pela comunicação oficial, citando, por exemplo, o convívio, o afeto, o abraço, o ato de dar e segurar a mão... As relações destacadas não envolveram, em sua maioria, nenhum contato de natureza física com a pessoa HIV/AIDS.

Conclusões

Parte das conclusões resultantes da leitura particularizada dos programas analisados são as seguintes:

O processo de leitura das comunicações audiovisuais, feito pelos telespectadores, levou em conta a interferência de vários elementos integrantes da imagem e do som, na veiculação de conceitos e idéias apresentados pelos programas. Frequentemente, as considerações por eles apresentadas vêm ao encontro daquelas feitas pelos especialistas. Importa ressaltar, também, que as pessoas questionam a veracidade das informações fornecidas pelos programas, via de regra, buscando em sua experiência de vida o parâmetro para julgamento do teor das comunicações.

A análise dos dados mostra uma rejeição à idéia de que comunicações sociais devam encerrar o conceito de que AIDS não tem cura, isto porque a sua difusão: desestimula pessoas HIV e/ou suas famílias na investida fundamental em favor da melhoria da qualidade de vida dos infectados; desincentiva ações preventivas, perfeitamente adotáveis, pois a soropositividade pode vir a significar a morte; mantém inalterados comportamentos e atitudes sociais negativas ao controle/enfrentamento da epidemia. A possibilidade de a AIDS, em algum tempo, se tornar doença curável ou, pelo menos, tratável não pode deixar de ser levada em conta pela comunicação oficial face as atuais perspectivas/alternativas de tratamento.

A comunicação oficial deu a entender que a morte causada pela AIDS é uma morte cruenta, sofrida, agressiva. A ilustração deste aspecto pode ser encontrada no trecho que encerra dois programas da campanha de 1991: depois de figuras gráficas (silhuetas de um homem e de uma mulher) serem atingidas pela AIDS, efeitos sonoros denunciavam que cabeças vão rolar...

A postura do doente de AIDS (campanha de 1991) comunicou sentimentos que foram absolutamente rechaçados pelos leitores da pesquisa: vergonha, angústia, aflição, medos da doença e da morte, impotência, derrota, tristeza, resignação, humilhação, desesperança, dúvida, insegurança, abandono, esquecimento, desafeto, piedade, culpa.

As referências que os programas fizeram à prevenção da AIDS não foram, em nenhum dos casos analisados, suficientes à plena orientação da sociedade para a adoção de procedimentos efetivos. Nenhum filme afirmou ou deu a entender que a pessoa HIV também precisa fazer prevenção. O conceito de prevenção adotado pela comunicação oficial é um conceito parcial, cujas orientações, muitas vezes, carecem de clareza, suficiência, adequação/propriedade, atualidade...

A responsabilidade pela produção audiovisual dos programas é atribuída ao próprio Estado e não aos comunicadores que elaboram as campanhas. O Estado, enquanto emissor da comunicação, deve buscar meios de avaliar o conteúdo, a forma, o tipo de execução do programa,